

A MATEMÁTICA NO ENSINO PRIMÁRIO NO GRUPO ESCOLAR CASTRO ALVES EM JEQUIÉ- BAHIA (1934-1971)¹

Eliana Maria de Jesus
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
Elianamat.uab@gmail.com

Janice Cassia Lando
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
janicelando@gmail.com

Resumo:

Este artigo versa sobre o ensino da matemática no Grupo Escolar Castro Alves, em Jequié-BA, mais especificamente, no ensino primário (1934 a 1971). Utilizamos aportes teóricos da história cultural, embasados nas teorizações de Dominique Julia (cultura escolar), de Roger Chartier (apropriação) e de André Chervel (história das disciplinas escolares). No processo metodológico, utilizamos depoimentos orais e a pesquisa documental. Os colaboradores dessa pesquisa são ex-alunos e ex-professores do Grupo Escolar Castro Alves. A pesquisa documental foi efetivada, principalmente, no Arquivo do 22º Núcleo Regional de Educação (NRE 22), em Jequié, e no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), em Salvador. Por meio da análise dos documentos e depoimentos, alguns elementos referentes ao ensino de Matemática emergiram, tais como: o manual de ensino *Didática das Matemáticas Elementares*, de Ángel Diego Márquez e com ele a utilização do Método Cuisenaire, bem como o livro didático *Aritmética Progressiva*, do autor Antônio Trajano.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Ensino da Matemática na Escola Primária; Grupo Escolar; Bahia.

1. Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo investigar historicamente o ensino de Matemática no Grupo Escolar Castro Alves, localizado na cidade de Jequié-BA, no período de 1934 a 1971. A primeira data deste recorte temporal justifica-se pela implantação desta instituição escolar, e a segunda foi selecionada com base na promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 5.692, de 11 de agosto de 1971, que trazia mudanças para o ensino primário, inclusive adotando ações de extinção dos grupos escolares.

¹ Esta pesquisa recebe auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) na modalidade de bolsa de pesquisa.

A criação de grupos escolares no Brasil aconteceu devido às necessidades de mudanças na educação, diante de um projeto político republicano, que tinha como intenção oferecer uma educação que abrangesse a todas as classes sociais. De acordo com as contribuições de Aranha (2006, p. 298), “O projeto político republicano visava à implantação da educação escolarizada, oferecendo o ensino para todos. [...]”.

Uma vez que nos estados brasileiros o ensino primário do século XIX e início do XX acontecia em ambientes configurados como escolas isoladas, os grupos escolares foram implantados no Brasil com intuito de diminuir os problemas educacionais existentes. Buscou-se atender uma demanda da sociedade com relação a melhorias na educação. De acordo com Saviani (2008), as escolas primárias anteriormente apresentavam as classes isoladas ou avulsas e unidocentes, em que um professor regia a classe ministrando as aulas para uma quantidade de alunos em diferentes fases de aprendizagem. “E essas escolas isoladas, uma vez reunidas, deram origem, ou melhor, foram substituídas pelos grupos escolares” (SAVIANI, 2008, p. 172).

Diante disso, pesquisar o Grupo Escolar Castro Alves, buscando responder ao problema: Como era desenvolvido o ensino de Matemática no ensino primário do Grupo Escolar Castro Alves, em Jequié-Bahia, no período que compreende os anos de 1934 a 1971?, contribui com a discussão sobre os limites, desafios e métodos adotados no funcionamento desta instituição, incluindo a difusão do conhecimento matemático.

Ao buscarmos interpretar cotidianos escolares de outros tempos, pretendendo escrever acerca de práticas pedagógicas passadas, devemos investigar o que ocorreu no interior da escola. Para isso, pesquisar a cultura escolar poderá contribuir para compreender como o ensino de Matemática foi apropriado e desenvolvido. Assim, para a realização desta pesquisa, utilizaremos aportes teóricos da história cultural com as contribuições de Dominique Julia, Roger Chartier e André Chervel.

Julia (2001) aponta que o desenvolvimento de pesquisas acerca da cultura escolar pode ocorrer a partir de três eixos: o estudo das normas e das finalidades que regem a escola; a interpretação do papel da profissionalização do professor; e a análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares. Assim, para entender a história da cultura escolar construída no

interior da escola, é necessário compreender como os docentes e discentes se apropriam² das normas e conhecimentos, bem como das demais culturas contemporâneas.

Ainda nesta linha, temos a história das disciplinas escolares, colaborando com a construção da história do ensino em épocas e contextos diferentes, em que as transformações educacionais, a reorganização do currículo e de programas de ensino têm ligação com as mudanças ocorridas na história da cultura escolar e da sociedade, sendo a escola um ambiente promissor de reflexos de situações advindas da sociedade. Ao tratar da temática disciplinas escolares, Chervel (1990, p. 187) indica que as pesquisas em história das disciplinas escolares devem despende um esforço em interpretar tanto a história de seus conteúdos e métodos como suas relações com “as finalidades às quais eles estão designados e com resultados concretos que eles produzem”.

Com base nesse referencial, buscamos compreender como se desenvolveu o ensino de matemática no curso primário do Grupo Escolar Castro Alves em Jequié-BA. Assim, para a realização dessa pesquisa, o processo metodológico foi pautado em depoimentos orais, pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa documental foi realizada no 22º Núcleo Regional de Educação (NRE 22), em Jequié, e no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), em Salvador.

2. Os grupos escolares e os movimentos educacionais

No final do século XIX, novas indagações surgiram tendo como base a herança da educação do período imperial. No apogeu da discussão estava a necessidade de uma educação gratuita para todos. Segundo Aranha (2006, p. 246), “[...] as propostas educacionais do século XIX reafirmaram, no século XX, a necessidade da escola pública, leiga, gratuita e obrigatória. Esta exigência tornou-se mais premente devido ao crescimento das indústrias e à explosão demográfica”. Partindo desse pressuposto, os republicanos buscavam transformações na educação, na economia e na cultura que atendesse a todos, permitindo o progresso e a independência.

No território baiano, a implantação dos grupos escolares aconteceu de forma diversificada. O primeiro grupo escolar foi inaugurado em Salvador, em 1908, e estas instituições escolares foram expandidas para o interior do estado, a partir de 1925, quando

² Para Chartier (1991, p. 80) “A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

Anísio Teixeira, então Inspetor Geral de Ensino, realizou algumas mudanças no setor educacional da Bahia. (ROCHA; BARROS, 2006).

Souza (2006) apresenta as características do ensino nos grupos escolares, que também eram denominados escolas graduadas, a saber: classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos homogêneos, que constituíam as classes. O ensino era simultâneo, o currículo racionalizado, havia controle e distribuição dos conteúdos e do tempo de forma ordenada, um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. Cada sala de aula formava uma classe de determinada série e havia um professor referente àquela turma. Assim, percebe-se que os grupos escolares tinham por objetivo juntar diversas escolas consideradas isoladas em um mesmo espaço educacional.

Na organização pedagógica os grupos escolares apresentavam diversas características que embasavam o trabalho desenvolvido no ensino primário, assim os métodos utilizados na construção de saberes educacionais eram relevantes para a unificação dessas instituições. Nessa perspectiva, Souza (2006, p. 139) ressalta que “O ensino primário foi terreno fértil para as inovações pedagógicas no século XX. O método intuitivo ou lições de coisa foi o marco da renovação do ensino primário no final do século XIX e início do século XX no Brasil”. Desse modo, referindo-se ao método intuitivo, Faria Filho (2010, p.143) remete que:

O assim chamado ‘método intuitivo’ deve essa denominação à acentuada importância que seus defensores davam à intuição, à observação, enquanto momento primeiro e insubstituível da aprendizagem humana. Ancorados nas tradições empiristas de entendimento dos processos de produção e elaboração mental dos conhecimentos, sobretudo na forma como foram apropriadas e divulgadas por Pestalozzi, os defensores do método intuitivo chamaram a atenção para a importância da observação das coisas, dos objetos, da natureza, dos fenômenos e para a necessidade da educação dos sentidos como momentos fundamentais do processo de instrução escolar.

Vale destacar que além do método intuitivo, o ensino primário abarcou outros movimentos educacionais e vagas pedagógicas, no período compreendido entre 1934 a 1971, como o movimento da Escola Nova, que surgiu no início do século XX – décadas de 20 e 30 – e o Movimento da Matemática Moderna (MMM) – a partir da década de 1960. No que tange ao movimento da Escola Nova, no Brasil, Vidal (2010, p. 498) indica que o mesmo apresentava uma nova dinâmica para as “relações escolares”, com o aluno assumindo a centralidade dos “processos de aquisição do conhecimento escolar”. Neste sentido este movimento preconizava:

O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viragem iniciada pelo ensino intuitivo no fim do século XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do “ouvir” para o “ver”, agora o ensino associava “ver” e “fazer”. (VIDAL, 2010, p. 498).

Assim, a escola renovada era uma proposta para que os professores rompessem com o método tradicional, utilizando-se da metodologia moderna no processo pedagógico do ensino primário.

Já o MMM no ensino primário teve suas primeiras discussões no Brasil, a partir da década de 1960, quando acontece a difusão de eventos voltados para professores do ensino primário. Borges, Duarte e Campos (2012, p. 242) afirmam que, neste nível de ensino, ocorreu a inserção de conteúdos percebidos como “mais modernos”, pretendendo-se uma reforma curricular e, também, alterar as metodologias de ensino. Estas autoras, citando Medina (2007), indicam que uma das mais significativas mudanças ocorridas no ensino primário “foi a introdução da Teoria dos Conjuntos, baseada nas estruturas axiomáticas e regras bem definidas, utilizando-se de simbologias apropriadas e estabelecendo-se a correspondência entre os elementos dos conjuntos, o que exigia das crianças a compreensão e a apropriação dos conceitos estudados”. Portanto, o MMM possibilitou aos professores do ensino primário o contato com novos conteúdos, novas metodologias e materiais pedagógicos que visavam a um ensino da Matemática que acompanhasse o desenvolvimento científico e as demandas sociais daquele período.

3. O ensino da matemática no Grupo Escolar Castro Alves

O Grupo Escolar Castro Alves foi implantando em Jequié-BA, em 19 de agosto de 1934, começando suas atividades educacionais voltadas para atender a demanda educativa da sociedade da época, oferecendo um ensino de qualidade e promovendo a formação de cidadãos. Vale destacar que o Grupo Escolar Castro Alves foi a primeira instituição de ensino pública de Jequié.

No que concerne às aulas de matemática do grupo escolar, aconteciam de maneira que os alunos aprendessem a contar, realizar as quatro operações fundamentais da matemática e resolver problemas. De acordo com o depoimento da ex-professora e ex-aluna Sonia Bahiense Braga (2016):

Era globalizado, era matemática, todas as matérias, então a gente fazia igual ao outro, cada pouquinho a gente passava, tinha livros que... a gente vivia em plano, geralmente a gente fazia plano, a gente juntava com a diretora, a coordenação, hoje é coordenação, mas era inspetora, a gente fazia plano e dava aula normal com todas as matérias, com o todas as matérias.

Segundo o relato da ex-aluna Ana Maria Lima Geambastiani (2016) “todos tínhamos uma tabuada, éramos obrigados a decorá-la, pela professora, para que ela nos perguntasse qualquer uma da tabela e deveríamos responder certo, quando não sabíamos éramos punidos com castigos [...]”. Concomitantemente, o depoimento da ex-aluna Camila Braga Costa (2016) reforça que “uma vez por semana éramos sabatinados oralmente, não dava tempo para pensar e os que não acertavam na ‘ponta da língua’ iam sendo passados para trás, os que acertavam iam subindo para frente da fila e recebiam as melhores notas”. Assim, através dos relatos é possível perceber alguns indícios de como ocorria o ensino da matemática no Grupo Escolar Castro Alves: os planejamentos eram feitos coletivamente, com apoio da diretora e da inspetora de ensino, e era desenvolvida uma abordagem globalizada de todas as disciplinas. A este respeito, Irene de Albuquerque, no seu livro *Metodologia da Matemática*, afirma:

Sendo a globalização do ensino de valor indiscutível na escola primária, a Matemática não pode manter-se isolada. [...] A Matemática, em inúmeras ocasiões, vale-se das ou auxilia as demais disciplinas; tem uma terminologia apropriada, que é linguagem; lida com desenhos e cores, divisões de tempo, etc. Quanto mais a Matemática se apresentar em conexão com as demais disciplinas, resolvendo os problemas numéricos que a vida apresenta, mais estará ligada à vida. (ALBUQUERQUE, 1964, p. 15).

Ainda a respeito desta globalização, Vidal (2010, p. 510) indica que esta também era uma das recomendações do movimento da Escola Nova, “Pregava a reforma que o ensino deveria pautar-se pela integração das matérias e ser estimulado por questões de interesse geral dos alunos [...]”. Concomitante a este trabalho desenvolvido em consonância com as ideias defendidas pela Escola Nova, permanecia o uso da memorização e da sabatina no ensino da matemática.

Acerca do ensino de matemática no Grupo Escolar Castro Alves, além dos indícios já analisados, vale destacar que, através das pesquisas realizadas no Arquivo do NRE 22, em Jequié-BA, e com depoimentos de ex-professores e ex-alunos, identificamos o livro didático *Aritmética Progressiva*, edição 86^a, de 1956, do autor Antônio Trajano³, e o manual de

³ Professor e escritor de várias obras, teve suas obras de Aritmética como verdadeiros *best sellers*. O autor escreveu Aritmética Elementar Ilustrada para o ensino primário, em que sua 1^a edição circulou em 1879, já a edição 136^a, em 1958. Trajano escreveu, também, a obra Aritmética Progressiva, buscando atender ao ensino secundário. Em 1880 saiu a 1^a edição, e em 1954 a sua 84^a edição, vale destacar que esse livro continuou a ser

ensino *Didática das Matemáticas Elementares: O Ensino das Matemáticas pelo Método dos Números em Côm ou Método Cuisenaire*, de autoria do professor Ángel Diego Márquez⁴, publicado no Brasil, em 1967, ambos utilizados pelos professores e alunos durante o período de funcionamento desta instituição de ensino.

3.1 O livro didático

O livro *Aritmética Progressiva* teve sua 86ª edição em 1956, segundo relatos da ex-aluna Camila Braga Costa (2016) sobre os materiais e os livros didáticos utilizados durante as aulas: “Lembro-me que nos primeiros anos os cadernos eram papel pautado que a mãe costurava quando não era papel de embrulho amarelinho. O livro de Aritmética de Antônio Trajano, história e geografia, também existia um livro, não me lembro o autor”.

O livro didático *Aritmética Progressiva* tem sua capa de brochura com imagem, além de algumas informações referentes à obra, por exemplo, edição atualizada, Livraria Francisco Alves, editora Paulo de Azevedo LTDA, situada no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. No prefácio, Trajano (1956) descreve sobre o estudo da Aritmética, que era desconsiderado pelos professores, os quais se limitavam a ensinar as quatro operações fundamentais de maneira superficial. Descreve também que a partir do momento que passou a valorizar a Aritmética, compreendendo sua importância, obteve resultados satisfatórios. A respeito das obras de Trajano, Souza (2008, p. 9) aponta que “[...] era um produto de estudos para a reforma do ensino da Aritmética, aplicados de acordo com as aplicações práticas do cotidiano com uma nova forma de pensar”.

O autor de *Aritmética Progressiva* (1956) continua abordando no prefácio as informações existentes no interior do livro, assim, “[...] apresenta a parte teórica de cada ponto, acompanhada de exercícios e problemas graduados para o ensino da aplicação, e dêste modo os alunos poderão exercitar-se com grande vantagem na teoria e na prática, podendo depois resolver com destreza qualquer questão de Aritmética”. (TRAJANO, 1956, p.2).

publicado nos anos seguintes. A *Aritmética Progressiva*, ao que parece, foi utilizada em escolas normais e liceus privados (VALENTE, 1999).

⁴ Educador, argentino, especialista em formação de professores pela UNESCO, como técnico dessa instituição participou do “Projeto Principal referente à extensão da educação primária na América Latina”. Fez parte da equipe de escritores da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, na qual publicou artigos voltados para a formação docente. Na Bahia, em 1966, mais precisamente na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, foi um dos responsáveis pela criação do setor de Didática dentro do Departamento de Pedagogia (MÁRQUEZ, 1966).

Em relação ao ensino da Aritmética, Trajano (1956) apresenta a parte de numeração, em que os números podem ser ensinados de forma falada e escrita. Segundo a ex-aluna e ex-professora do Castro Alves, Marlene Michele da Silva (2016) “O livro de Trajano, era um livro bem grande, tinha gravuras também. Tinha tudo, até o sistema métrico. Tinha, de início, algarismo, algarismos romanos. Essa parte de litro, grama, isso tudo eles cobravam [...]”.

Trajano continua a escrita do livro com as quatro operações fundamentais, propondo o ensino da aritmética de maneira explicativa. A explanação do conteúdo vem seguida por exemplos, regras, provas (verificação) e problemas, para que o professor pudesse desenvolver o processo de ensino com os alunos. De acordo com Oliveira (2013, p.60), “À vista deste procedimento metodológico utilizado por Antônio Trajano para compor a trilogia *Arithmetica*, só nos resta asseverar que este modo de ensinar foi de fato o método intuitivo”.

Quanto ao conteúdo de fração, aparece no livro didático *Aritmética Progressiva* (1956), com a proposta de trabalhar com frutas para ilustrar (figura 1), promovendo a representação do número fracionário, possibilitando que o aluno compreendesse o conteúdo com maior facilidade.



Figura 1 – Demonstração do ensino de fração com frutas.
Fonte: Trajano, 1956, p.63

Essa proposta elencada no livro de Trajano também fazia parte do ensino de fração do Grupo Escolar Castro Alves, em que o professor, utilizando frutas, abordava toda a parte do conteúdo de fração (valor de uma fração, relação entre a fração e a unidade, fração própria e imprópria, quociente exato, complemento do quociente entre outros), como afirma Marlene Michele da Silva, ex-aluna e ex-professora, dessa instituição de ensino: “Material, na aula de frações, tinha, levava frutas, para dividir, por exemplo, a maçã porque vinham os desenhos no livro, mostrando metade, um quarto, um quinto. Às vezes também usava um círculo de cartolina, ali cortava, dividia, eu me lembro bem nessa parte de frações”. Segundo Oliveira (2013), o uso da imagem da maçã por Trajano no livro *Aritmética Progressiva* para ilustrar o conteúdo de fração, com intuito de facilitar a aprendizagem do aluno, refere-se ao método intuitivo.

3.2 O manual de ensino

O manual de ensino *Didática das Matemáticas Elementares* está estruturado em cento e setenta e seis páginas, dividido em cinco capítulos. Nesse manual o autor descreve em seus capítulos a relevância da utilização do método *Cuisenaire*. Com ele, o professor teria a oportunidade de buscar inovações didáticas e pedagógicas através do uso do método que permitia ao aluno desenvolver seu aprendizado. Segundo Duarte (2014, p.721):

Ainda a respeito do método e material Cuisenaire, cumpre esclarecer estes já eram adotados pelos professores, particularmente os do Ensino Primário, mesmo antes do MMM. Entretanto, durante o Movimento, os adeptos das ideias reformistas utilizaram esse material apoiando-se numa concepção estruturalista da matemática.

De acordo com a proposta do manual de ensino *Didática das Matemáticas Elementares*, o próprio discente seria instrumento para sua própria aprendizagem, no que concerne ao conhecimento matemático, e o professor seria mediador no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Vidal (2010, p. 509), este era um dos preceitos do movimento da Escola Nova, ou seja, “O conhecimento, em lugar de ser transmitido pelo professor para memorização, emerge da relação concreta estabelecida entre o aluno e esses objetos ou fatos, devendo a escola responsabilizar-se por incorporar um amplo conjunto de materiais”.

O método *Cuisenaire* ou Método dos Números em Cor, criado pelo professor belga Georges Cuisenaire Hottet, após um longo período de estudos e testes, apresenta sólida fundamentação psicopedagógica, que proporciona à criança desenvolver a aprendizagem operatória das noções fundamentais da matemática. A estrutura material do método é composta por barrinhas ou reguinhas coloridas, além dos prismas retangulares. Vale salientar que cada uma das cores representada pelas barrinhas está associada a um valor numérico, como podemos observar na figura 2 (MÁRQUEZ,1967).

Comprimento das reguinhas em cm e número que simbolizam	Número de reguinhas	Cor	Família de cores	Comprimento acumulado em cm
1	50	madeira natural	MADEIRA	50
2	50	vermelho	VERMELHO	100
4	25	lilás		100
8	12	marrom		96
5	20	amarelo	AMARELO	100
10	10	laranja		100
3	33	verde-claro	VERDE	99
6	16	verde-escuro		96
9	11	azul		99
7	14	prêto		98

Figura 2 – Caixa Cuisenaire.
Fonte: Márquez, 1967, p. 61

A utilização desse manual acontecia por professores do ensino primário no Brasil, contribuindo na elaboração das atividades que desenvolveriam nas aulas de matemática. No que tange à cidade de Jequié-BA, essa obra foi utilizada por professores do ensino primário nos planejamentos das aulas de matemática do Grupo Escolar Castro Alves. Conforme o relato de Sonia Bahiense Braga (2016):

Já no final, nós já tínhamos esse daqui [Didática das Matemáticas Elementares], nós recebíamos, e outra coisa não tinha pra mim, entendeu? Era na biblioteca, a gente estudava e fazia nossas... anotações e levava pra sala e ensinava os meninos, porque era difícil uma professora comprar, primeiro não chegava até a gente, você vê que aqui [folheando o manual Didática das Matemáticas Elementares]..., a COLTED era toda na biblioteca, a gente trabalhava, pesquisava e chegava lá ensinava os meninos...

O manual *Didática das Matemáticas Elementares* apresentava a proposta das atividades matemáticas, com o Método Cuisenaire, bem fundamentadas para que o professor pudesse trabalhar com os alunos do ensino primário, intercalando teórica e prática. Duarte (2014) destaca que o Método Cuisenaire, difundido no manual pedagógico para o ensino primário, apresentava característica de “processos intuitivos, práticos e com significado para o aluno”, elementos difundidos pelo MMM e pela Escola Nova.

4. Considerações Finais

As instalações dos grupos escolares foram diversificadas nos estados brasileiros, considerando que as difusões dessas instituições de ensino não ocorreram da mesma forma e nem no mesmo período, mas os grupos escolares possibilitaram inovações em suas diferentes áreas, promovendo transformações significativas no modelo de ensino existente. Em Jequié, não foi diferente. A construção do Grupo Escolar Castro Alves permitiu que as pessoas tivessem acesso a um ensino de qualidade e inovador, já que as mesmas almejavam um ensino público que contribuísse para o desenvolvimento da educação de forma que pudesse atender as demandas da sociedade.

Por meio dos documentos identificados e dos depoimentos dos ex-alunos e ex-professores, foi possível interpretar alguns elementos referentes ao ensino de matemática no Grupo Escolar Castro Alves. Um destes elementos refere-se ao ensino globalizado, por meio do qual buscavam uma integração das disciplinas, entre elas a matemática. Também foi possível identificar o uso de um manual de ensino e de um livro didático.

O manual de ensino identificado foi *Didática das Matemáticas Elementares*, que fornecia subsídios aos docentes para aprimorar sua prática pedagógica, visto que tal manual tinha como proposta o uso do Método Cuisenaire, consistindo de material manipulável, com o objetivo de desenvolver o raciocínio lógico matemático, por meio da participação ativa do aluno no processo ensino-aprendizagem, em conformidade com o que defendia os movimentos da Escola Nova e o MMM.

Outro fator preponderante, segundo os relatos dos participantes da pesquisa, para auxiliar na promoção do ensino de matemática, foi o livro didático usado na época, *Aritmética Progressiva*, pois, de acordo com os depoimentos e análise da obra citada, a estrutura e proposta do livro contribuíam de forma relevante para a construção do conhecimento matemático, pois, além de ser composto de imagens, o que atraía o público alvo, apresentava uma proposta de ensino baseada no método intuitivo.

5. Referências

ALBUQUERQUE, Irene. *Metodologia da Matemática*. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

ARANHA, M. L. A. *História da educação e da pedagogia: geral e do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BORGES, R.A.S.; DUARTE, A.R.S.; CAMPOS, T.M.M. A Matemática da Escola Primária nas Revistas Pedagógicas do Brasil e de Portugal. *Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul*, v. 20, n. 2, p. 240-266, jul./dez. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Presente%20de%20Deus/Downloads/3034-12320-1-PB.pdf>.

BRAGA, S.B. Entrevista concedida à Eliana Maria de Jesus. Jequié-BA, em 01 fev. 2016.

COSTA, C.B. Entrevista concedida à Eliana Maria de Jesus. Jequié-BA, em 15 fev. 2016.

CHARTIER, R. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n.11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/673>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, n. 2, p. 177-229, 1990.

DUARTE, A.R. S. A Matemática Moderna nas séries iniciais: um estudo sobre o manual pedagógico com números em cores. In: NOBRE, S.; BERTATO, F.; SARAIVA, L. (Eds.). *Anais do 6º Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática*. Natal, RN: Sociedade Brasileira de História da Matemática (SBHMat), 2014. p. 717-731.

GEAMBASTIANI, A.M.L. Entrevista concedida à Eliana Maria de Jesus. Jequié-BA, em 29 jan. 2016.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

FARIA FILHO, L.M. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. (Orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.135-149.

MÁRQUEZ, Á.D. *Didática das Matemáticas Elementares- O Ensino das Matemáticas pelo Método dos Números em Côt ou Método Cuisenaire*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes LTDA, 1967.

MÁRQUEZ, Á. D. *Informe semestral*. São Paulo- Brasil. Agosto de 1966. Disponível em:< <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001590/159015MB.pdf>>. Acesso em: 13 fev.2016.

OLIVEIRA, M.A. *Antônio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de Arithmetica*. 142 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.

ROCHA, L.M.F.; BARROS, M.L.R. A educação primária baiana: grupos escolares na penumbra. In: VIDAL, D.G. (Org.). *Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 173-192.

SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, M.M. Entrevista concedida à Eliana Maria de Jesus. Jequié-BA, em 03 fev. 2016.

SOUZA, R.F. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D. et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, S.C.S. O Método Intuitivo na Aritmética Elementar Ilustrada de Antônio Trajano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008. Disponível em: < http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/533.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

TRAJANO, A. *Aritmética Progressiva*. 86. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956.

VALENTE, W.R. *Uma história da matemática escolar no Brasil, 1730 - 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: FAPESP, 1999.

VIDAL, D.G. A escola Nova e processo educativo. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. *500 anos de educação no Brasil*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 497-517.